



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas e Sociais

Programa de Pós-Graduação

Mestrado em Educação

**ANÍSIO TEIXEIRA:
UMA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM TEMPO INTEGRAL**

FLAVIA FREITAS FONTANY DOS SANTOS

Orientadora: Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho

Rio de Janeiro
2008

**ANÍSIO TEIXEIRA:
UMA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM TEMPO INTEGRAL**

FLAVIA FREITAS FONTANY DOS SANTOS

Rio de Janeiro
2004

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, ao corpo docente da UNIRIO, em especial, à Profa. Ligia Martha, e ao querido Roberto, por toda a força que me deram ao longo desses anos e pelas oportunidades de crescer pessoal e profissionalmente.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO _____	05
2. EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA PRIMEIRA REPÚBLICA _____	12
3. ANÁLISE DAS OBRAS _____	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	31
5. REFERÊNCIAS _____	33

1. INTRODUÇÃO

Interessei-me pelo tema **Educação Integral e Tempo Integral** a partir de alguns fatos que ocorreram após a minha formação no Ensino Médio (Magistério). No ano 2000, consegui meu primeiro emprego como auxiliar de creche na Obra Social Casa Padre Damião, na Tijuca. Neste local, pude ter contato, pela primeira vez, com o tempo integral. As crianças chegavam à creche pela parte da manhã, e fazíamos atividades de recreação, desenvolvimento de coordenação motora, desenvolvimento cognitivo entre outras. O meu horário de trabalho terminava após o almoço das crianças, que depois eram colocadas para dormir. À tarde, elas acordavam para mais uma atividade de recreação e depois tomavam banho e iam para suas casas.

No ano de 2001, fui convidada para substituir uma professora de licença no Colégio Palas, Tijuca. Lá, fiquei encarregada da função de auxiliar de ensino do tempo integral. O colégio possuía turmas de Educação Infantil à 4ª série do Ensino Fundamental, em horário integral e parcial. Eu dava apoio a todas as turmas do horário integral: Educação Infantil e 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. De que forma?

O horário integral funcionava assim: durante o turno da manhã, os alunos tinham suas aulas normais, com atividades de desenvolvimento cognitivo, aulas de educação física, de artes e de informática. À tarde, as crianças almoçavam e iam para as salas, fazer os deveres de casa (chamado de estudo dirigido). As menores tinham um tempo para descanso, viam televisão ou dormiam. Mais à tarde, havia atividades como natação (em uma academia perto do colégio), informática, artes, teatro e recreio na hora do lanche.

No segundo semestre de 2001, consegui um estágio no Colégio Marista São José, Tijuca, onde também funcionava o horário integral, apenas para a Educação Infantil. Vivi aqui uma outra realidade: a diferença dos alunos que

ficavam em horário integral e os que iam para casa na hora do almoço. Encontrava-se, desde alunos que precisavam ficar no colégio devido ao trabalho dos pais, até aqueles que foram colocados neste horário para criarem uma certa independência. Funcionava quase igual ao colégio anterior, porém as atividades de natação e alguns outros esportes eram praticados nas dependências do colégio.

Após essas experiências com o tempo integral, já estudando Pedagogia na UNIRIO (Universidade do Rio de Janeiro), tive a oportunidade de cursar a disciplina optativa Ensino Fundamental em Tempo Integral, que aprofundou ainda mais meu conhecimento e meu interesse acerca do tema Educação Integral.

Ao fim da disciplina, consegui uma vaga como bolsista de extensão no NEEPHI (Núcleo de Estudos – Escola Pública de Horário Integral) tendo, como tarefa principal, criar uma home-page e um boletim informativo. Para a organização da página, também fiquei encarregada de redigir um texto sobre o educador Anísio Teixeira, com o qual já tinha contato, através de suas obras e de sua história de vida ao longo da formação como docente. Aliás, sempre gostei muito de realizar pesquisas relacionadas à história da educação e aos grandes educadores. Junto a isto, participava das reuniões de pesquisa ocorridas semanalmente no Núcleo, bem como das viagens realizadas aos CIEP's¹. O contato com essas experiências, a educação integral e o tempo integral vistas em duas realidades completamente opostas (escolas particulares x CIEP's) e com Anísio Teixeira, um defensor da educação integral e do tempo integral, fez com que eu definisse meu **objeto** de estudo: **educação integral, tempo integral e Anísio Teixeira.**

Ao definir esse objeto, e discutindo-o com a profa. Lígia Martha, verifiquei que Anísio Teixeira implementou algumas escolas de tempo integral no Brasil, no período de 1930 a 1960. No entanto, apesar desse nosso grande educador ter

¹ Centros Integrados de Educação Pública

escrito muito sobre esse tema, ele encontra-se esparso em suas obras. Nesse sentido, encontrar a **concepção de educação integral em tempo integral na obra de Anísio Teixeira** tornou-se meu **problema** de pesquisa.

Estabeleci, assim, como **objetivos** para esta pesquisa:

1. Detectar, nas obras de Anísio Teixeira, sua concepção de tempo integral e de educação integral.
2. Analisar o contexto sócio-político-educacional que levou este educador brasileiro a pensar em uma concepção de tempo integral para as escolas públicas brasileiras.

Após um breve estudo sobre a vida deste autor, levantei algumas **questões**: Que fatos ocorreram na vida de Anísio Teixeira que o levaram a pensar numa concepção de educação integral, em tempo integral? Qual a concepção de educação integral e de tempo integral para Anísio Teixeira? Em que obras de Anísio Teixeira podemos encontrar elementos que possam ser caracterizadores de sua concepção de tempo integral?

A partir da última questão, relacionada às obras em que podemos encontrar elementos que caracterizem a concepção de educação e de tempo integral para Anísio Teixeira, foi possível estabelecer os **limites** deste trabalho. Assim, foram escolhidas duas obras e um artigo de Anísio Teixeira, A Educação e a crise brasileira (1956), Educação não é privilégio (1957) e Centro Educacional Carneiro Ribeiro (1959), por se tratarem de obras escritas na época em que ele criou o Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro, denominado de Escola-Parque, no bairro da Liberdade, Bahia. Inaugurada em 1950, esta instituição procurava fornecer à criança uma educação integral, cuidando de sua alimentação, higiene, socialização e preparação para o trabalho e cidadania.

Assim, esta pesquisa é de grande **relevância** devido ao valor que tem, para a realidade brasileira, investigar uma experiência com educação integral e tempo integral realizada por um educador de peso histórico como Anísio Teixeira. Esclareço, ainda, que os dados obtidos serão de extrema importância para outra pesquisa em andamento no NEEPHI: História da Educação Integral e do Tempo Integral no Brasil que, em limite definido por sua coordenadora, profa. Lígia Martha Coelho, pretende pesquisar a concepção de educação e tempo integral existente para integralistas, anarquistas e liberais nas décadas de 30 a 60. Nesse sentido, minha pesquisa assume um recorte, ou seja, encarrega-se de estudar particularmente o pensamento do educador Anísio Teixeira, em relação às concepções de educação e tempo integrais. Acredito, ainda, que o destaque mais importante desta pesquisa se deve a fato de não haver trabalhos dedicados ao pensamento do autor sobre as categorias citadas acima. Além disto, o andamento da pesquisa em tela tem todas as possibilidades de se reverter em trabalho de monografia final para o Curso de Pedagogia.

Para a fundamentação teórica deste projeto de pesquisa são necessárias leituras relacionadas ao tema, problema, objetivos e questões apresentados. Sendo assim, selecionamos e continuamos a selecionar bibliografia que possa contribuir para fomentar ou para esclarecer os pontos acima mencionados.

Em relação ao tema, problema e meu primeiro objetivo, o trabalho bibliográfico restringe-se à leitura de duas obras e um artigo. Com o intuito de situar a concepção de educação e tempo integral para Anísio Teixeira na época da criação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, iniciei com a leitura do discurso pronunciado por ele na inauguração desse Centro.

Esta leitura inicial me confirmou que Anísio realmente refletia sobre a necessidade da criança estudar em tempo integral. Passagens como “Dar

novamente à escola primária, o seu dia letivo completo” (pág. 79)² e “A criança fará um turno na escola-classe e um segundo turno na escola-parque. Nesta escola, além de locais para suas funções específicas, temos mais a biblioteca infantil, dormitórios para 200 das 4000 crianças atendidas pelo Centro e os serviços gerais e de alimentação.” (pág. 83)³, me deram a certeza de que, em relação ao grande educador brasileiro, este caminho está virgem e deve ser percorrido.

Em relação ao 2º objetivo, li o verbete sobre Anísio Teixeira no “Dicionário de Educadores no Brasil”, da Editora UFRJ. Neste livro, identifiquei os fatos mais marcantes da vida pública desse educador, os cargos ocupados no governo e o que o levou a pensar em uma educação integral para o ensino público de nosso país.

Por isso, os livros escolhidos são referentes à década de 50, quando Anísio Teixeira aceitou o convite do Governador da Bahia para ocupar a Secretaria de Educação e Saúde desse Estado. Nesta época, ele criou o Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro, denominado de Escola-Parque, no Bairro da Liberdade, obra que o projetou internacionalmente. Em 1951, assumiu no Rio de Janeiro, a convite do Ministro da Educação, a Secretaria Geral da Campanha de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) e o cargo de Diretor do Inep, onde ficou até 1964.

Após a pesquisa bibliográfica, passamos à leitura analítica de textos relacionados aos dois objetivos que perseguimos destacando, entre essas obras, Mendonça & Brandão (1997), Monarcha (2001) e os livros de Anísio Teixeira já citados (1956, 1957 e 1959).

² TEIXEIRA, Anísio. “*Centro Educacional Carneiro Ribeiro*”. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, vol. 31, nº 73, pp. 78-84, jan./mar., 1959.

³ idem

Este estudo possui caráter eminentemente teórico. Uma pesquisa bibliográfica com leitura, análise e discussão de posicionamentos do autor em relação à educação integral e ao tempo integral e também obras sobre a vida do educador.

Para realizarmos este tipo de análise, pensando na categorização do discurso, decidimos trabalhar com a metodologia da análise de conteúdo (Bardin) tendo, como objetivo, destacar as principais categorias ou os principais sentidos que possibilitassem o entendimento do que seja educação integral e tempo integral para Anísio Teixeira, a partir das obras estudadas.

Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p.42)

Pertencem ao domínio da análise de conteúdo todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, contributo de índices passíveis ou não de quantificação.

A maior parte das técnicas propostas por Bardin são do tipo temático e frequencial (o método mais fácil, mais conhecido e mais útil numa primeira fase de abordagem da maioria dos materiais). Então, nos servimos da análise temática – da contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada – o que tornou fácil escolher, para este trabalho, as expressões *educação integral*, *tempo integral* e suas variáveis (sinônimos) como unidades de codificação.

Os resultados brutos foram tratados de maneira a serem significativos e válidos. Tendo à minha disposição resultados significativos e fiéis, pude então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.

Para elaborar e concluir esta pesquisa tive aproximadamente dois anos, uma vez que na disciplina Metodologia da Pesquisa no primeiro semestre de 2002, onde iniciei o pré-projeto, já tinha definido meu tema e objeto de estudo.

No semestre seguinte, na disciplina Monografia I, fiz a leitura de parte da bibliografia citada e pude então elaborar o projeto. Desde então, passei à leitura e análise crítica do referencial teórico e metodológico.

Em maio de 2004, iniciei a elaboração desta monografia, com a ordenação do material lido e analisado.

2. EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Durante a leitura das obras de Menezes & Smolka (2000) e Monarcha (2001), além dos livros de Anísio Teixeira já citados (1956, 1957 e 1959), julgamos necessário fazer uma pesquisa contextual, buscando os fatos históricos mais importantes do final do século XIX até metade do século XX para compreender a conjuntura social, econômica, política e educacional que levou Anísio Teixeira a pensar em uma concepção de educação integral e de tempo integral.

Para tanto, recorreremos a alguns livros didáticos e a autores como Nagle (2001); Schwartzman, Bomeny & Ribeiro Costa (2000).

Nos livros didáticos de História Geral e História do Brasil, buscamos os principais fatos ocorridos no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Dentre esses, podemos destacar: O Imperialismo; a Primeira Guerra Mundial; a crise de 1929; a ascensão dos Fascismos (Alemanha e Itália) e a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, destacamos: A Proclamação da República, A Era do Café, A Revolução de 1930 e a Era Vargas. Procuramos trabalhar, assim, o contexto anterior à década de 30, para melhor compreendê-la.

No livro de Nagle (2001), vemos como a sociedade se organizou na Primeira República. No setor político, o coronelismo foi o sistema de sustentação da estrutura do poder. Seu ponto mais alto iniciou-se com as formações oligárquicas e a "política dos governadores", que durou durante todo esse período. A "política dos governadores" firmou o princípio segundo o qual "o que pensam os estados, pensa a União" e foi justificada, de um lado, pela inexistência de

organização partidária forte e, de outro, pelas bases do regime republicano federativo. Inaugurava-se assim o rodízio mineiro-paulista.

Houve reações a essa política, especialmente na década final (1920), com o objetivo de quebrar a forma de composição do poder. Com a formação da Aliança Liberal, apresentou-se, então, a candidatura de Getúlio Vargas. Esse movimento foi derrotado nas urnas, mas vitorioso nas armas. O final da Primeira República caracteriza-se pelo esforço para romper o sistema de representação coletiva vigente. A Aliança Liberal representou a dissidência oligárquica unida pela luta em torno do poder.

Neste momento, essa dissidência oligárquica ganha novo sentido, pois se insere num quadro histórico-social diferente dos anteriores: existência de um setor industrial em evolução, desenvolvimento das camadas médias, arregimentação do processo de urbanização.

Assim, de acordo com Nagle (2001),

a última década da Primeira República é o ponto de confluência de formas de pensamento e de atuação dos mais variados movimentos político-sociais e correntes de idéias, nuclearizadas em torno da temática republicana.(pp. 20)

No setor econômico, a década de 1920 foi o período de passagem de um sistema do tipo colonial, induzido, para outro, autônomo: a instalação do capitalismo no Brasil. Foi o período intermediário entre o sistema agrário-comercial e o urbano industrial, os dois grandes ciclos da vida econômica-brasileira. A economia cafeeira se forma no segundo e terceiro quartéis do século XIX. Principalmente depois da instalação do regime republicano, o café constituía a principal mercadoria que fornecia a maior quantidade de divisas.

Até certo momento, inexistiam outras alternativas de organização da atividade econômica além da de investir cada vez mais na produção do café.

Apenas no comércio exterior se encontrava a possibilidade de realizar alguma atividade econômica de importância; o mercado interno apenas começava a se expandir.

Nagle (2001) afirma que “a industrialização, na década de 1920, foi outro componente do setor econômico a influenciar os quadros da sociedade brasileira.” (pp. 26). Esta fase inaugura-se durante a década de 1910 e continua no decênio seguinte, constituindo a fase de consolidação. Na verdade, não poderia haver um surto industrial duradouro sem a presença de reativo grau de acumulação de capital, condição fundamental que se uniu a muitas outras, no intuito de formar um conjunto propício de condições estimuladoras de novo surto industrial – a disposição de mão-de-obra livre, a elevação dos preços de mercadorias importadas, o mercado de consumo interno em expansão e mesmo algumas facilidades para importação de materiais necessários à indústria.

A economia brasileira mostrou que o café era a principal mercadoria para recursos no comércio exterior, e a industrialização a grande esperança para a superação da economia colonial.

A crise de 1929 atinge a economia brasileira de duas formas: como sistema periférico, pelos efeitos dos sistemas dominantes, e como sistema que inicia a marcha de sua transformação, orientada no sentido de auto-suficiência.

As transformações nos setores político e econômico, aqui relatadas, tenderam a provocar alterações no setor social – variedade de novas orientações ideológicas, presente, especialmente, no decênio dos vinte (nacionalismo, catolicismo, tenentismo, e outras), uma vez que denotam a presença de marcante inquietação social e heterogeneidade sociocultural.

Assim, formou-se o novo sistema de valores da civilização urbano-industrial brasileiro, constituído por:

1. Processo imigratório - a imigração continuou de maneira significativa durante o último decênio da Primeira República. Foi um elemento importante na alteração do mercado de trabalho e das reações trabalhistas, e representou nova modalidade de força de trabalho, qualitativamente diferente daquela formada nos quadros da produção escravagista. Novos sentimentos, idéias e valores apareceram no processo de integração social. Os imigrantes exigiram novos padrões de comportamento nas relações entre proprietário e trabalhador e colaboraram para acelerar a passagem das atividades artesanais para as industriais. Contribuíram para o desenvolvimento da consciência de classe do operariado urbano na estruturação do movimento anarco-sindicalista no Brasil – o imigrante continua a auxiliar a luta antipatriarcalista.
2. Urbanização – é outro elemento importante. O fenômeno da concentração urbana pode ser verificado no decorrer da Primeira República, com diversas alterações sociais. Aos poucos a feição tradicional das cidades – simples prolongamento do sistema de vida rural e núcleo de atividades puramente comerciais – vai-se alterando, e se inicia o processo de desarmonia entre a cidade e o campo. A urbanização colaborou para a passagem do estilo de vida agrário-comercial para o baseado na civilização urbano-industrial.

Sendo assim, Nagle (2001) afirma que

o desenvolvimento do modo capitalista de produção de vida, durante a República Velha, ocasionou o aceleração da divisão social do trabalho e exigiu nível cada vez mais crescente de especialização de funções, resultando no aparecimento de novas camadas sociais e a diferenciação das antigas classes dominantes. Consolidação do empresariado rural e evolução do proletariado industrial (pp.41).

Deu-se, então, a formação de uma sociedade de classes: burguesia comercial e industrial, “classes médias” urbanas e proletariado industrial, e os empresários rurais.

Na educação não foi diferente. Os ideais republicanos alimentaram intensamente projetos de um novo Brasil: uma federação democrática que favorecesse a convivência social de todos os brasileiros, promovesse o progresso econômico e a independência cultural. Como afirma Piletti (1996),

A Primeira República foi o período no qual se colocou em questão o modelo educacional herdado do Império, que privilegiava a educação da elite – secundário e superior – em prejuízo da educação popular – primário e profissional. A educação elitista entrou em crise, de modo especial, na década de 20, quando também se tornou mais aguda a crise de outros setores da vida brasileira – político, econômico, cultural e social. A crise da educação elitista e as inúmeras discussões que provocou desembocaram na Revolução de 30, que foi responsável por numerosas transformações que fizeram avançar o processo educacional brasileiro (pp. 54)

A herança do Império foi bastante precária: algumas escolas isoladas de ensino secundário e superior, umas poucas escolas de ensino primário e nada mais. Ao iniciar-se a República, não tínhamos um sistema nacional articulado de educação pública. Foi durante o período republicano, principalmente de 1930 em diante, que se construiu o sistema educativo brasileiro, elaborado a partir de alguns princípios básicos, discutidos no decorrer da Primeira República e inscritos nas constituições, de modo especial a partir de 1934, embora muitas vezes desrespeitados na prática.

Também, durante toda a Primeira República, manteve-se no Brasil a dualidade de sistemas e de competências em matéria educacional: de um lado, o sistema federal, cuja principal preocupação era a formação das elites, através dos cursos secundário e superior; de outro lado, os sistemas estaduais que, embora legalmente pudessem instituir escolas de todos os graus e modalidades,

limitavam-se a organizar e manter a educação das camadas populares – ensino primário e profissional - e assim mesmo de forma bastante precária.

A década de 1920 marcou um momento de grande discussão na educação brasileira. O modelo até então existente, que dava ênfase à formação das elites, foi colocado em xeque. Em seu lugar propunha-se a instituição de um sistema nacional de educação, com ênfase na educação básica, no ensino primário, mas formando um todo articulado, do primário ao superior.

Três fatos contribuíram de forma especial para desenvolver os debates acerca da educação: a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924; o inquérito sobre a educação, promovido pelo jornal O Estado de São Paulo e levado a efeito por Fernando de Azevedo, em 1926; e as reformas educacionais realizadas por vários Estados, durante a década de 20. Entre as reformas realizadas nessa década, as que merecem maior destaque foram a de Sampaio Dória, em São Paulo (1920); a de Lourenço Filho, no Ceará (1923); a de Anísio Teixeira, na Bahia (1925); a de Francisco Campos e Mario Casassanta, em Minas Gerais (1927); e a de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal (1928).

Diferente das demais reformas, Anísio Teixeira destaca em um de seus artigos que, aqui no Brasil, a escola primária conheceu duas fases. A primeira que se organizou segundo o modelo então reinante na Europa, como um sistema de educação paralelo ao propriamente preparatório para a escola superior e formador da elite dominante. O seu curso compreendia sete ou oito anos de estudos, complementados os quais o aluno encerrava a sua vida escolar, ou a continuava nas escolas chamadas vocacionais. A escola primária, a escola normal e as escolas de artes e ofícios constituíam o sistema da classe média, então pequena e reduzida; o ginásio e a escola superior, o sistema escolar da elite dominante.

Na *segunda fase*, que teve início nas décadas de 1920 e 1930, buscou-se *democratizá-la*, estendendo-se o seu alcance a todos e não apenas aos poucos

então beneficiados com a cultura escolar. O *recurso adotado para isto foi o de reduzir-lhe a duração*. O estado de São Paulo, que liderou o movimento, chegou a sugerir uma escola de dois anos, e com esforço é que alguns educadores conseguiram elevá-la a quatro anos de estudo, no meio urbano, e a três, na zona rural. Nesse sentido, continua Anísio (1962):

Dado este passo, estava aberto o caminho para uma evolução a que não faltariam impressionantes distorções. Primeiro, rompeu-se, desde então, o nítido dualismo educacional de dois sistemas separados, uma para a pequena classe média e outro para as classes dominantes. A escola primária passou a constituir uma escola popular de alfabetização, sem articulação nem com as escolas vocacionais nem com as escolas acadêmicas. Um e outras passaram a exigir exames de admissão para ingresso em seus cursos, a se iniciarem aos onze anos, os quais, embora destinados a clientela diferentes, já não traziam a marca de sistemas autônomos e, mas tarde, iriam coalescer em um sistema de ensino médio com equivalência entre si dos respectivos cursos. (pp. 23)

E continua:

E a escola primária, reduzida na sua duração e no seu programa, e isolada das demais escolas do segundo nível, entrou em um processo de simplificação e de expansão de qualquer modo. Como já não era a escola de classe média, mas verdadeiramente do povo, que passou a buscá-la em uma verdadeira explosão da matrícula, logo se fez de dois turnos, com matrículas independentes pela manhã e pela tarde e, nas cidades maiores, chegou aos três turnos e até, em alguns casos, a quatro (pp. 23)

E, então, Anísio Teixeira faz a sua crítica:

Quando, na década de 20 a 30, teve início a chamada democratização da escola primária, devia-se cuidar, não de reduzir o currículo e a duração da escola, mas de adaptá-la à educação para todos os alunos em idade escolar. Para tal, seria indispensável: 1) manter e não reduzir o número de séries escolares; 2) prolongar e não reduzir o dia letivo; 3) enriquecer o programa, com atividades educativas,

independentes do ensino propriamente intelectual; e 4) preparar um novo professor ou novos professores para as funções mais amplas da escola (pp. 24)

Ainda neste artigo, o autor afirma que a escola não poderia ser parcial e de simples instrução dos filhos das famílias de classe média, que ali iam buscar a complementação à educação recebida em casa. Ela deveria, sim, ser a instituição destinada a educar, no sentido mais lato da palavra, as crianças de todas as classes, desde as de classe média e superior até as muito mais numerosas das classes populares, que quase nunca traziam da família a experiência e os hábitos da instrução que iam receber.

Mais à frente, destaca que a escola deve "oferecer à criança oportunidades completas de vida, compreendendo atividades de estudo, de trabalho, de vida social e de recreação e jogos." (pp. 24)

Acreditamos que esses pensamentos do autor foram influenciados pela sua formação na Universidade de Columbia, onde teve como professor de Filosofia da Educação John Dewey. Nesse sentido, iniciemos a apresentação de seu percurso acadêmico, nessa instituição de ensino superior, a fim de comprovarmos esta hipótese.

Na década de 1920, Anísio confirmou sua opção pela educação e iniciou a leitura de John Dewey, o que lhe proporcionou a possibilidade de construir um novo significado existencial, de encontrar respostas programáticas para as questões educacionais com as quais estava lidando e de elaborar uma síntese para uma nova visão de mundo.

As suas experiências como docente e, sobretudo, como administrador, em diferentes conjunturas, foram depurando a escolha de temas e a sua apreciação sobre a obra desse autor.

Segundo Nunes (1999), “o liberalismo deweyano forneceu a Anísio Teixeira um guia teórico que combateu a improvisação e o autodidatismo, abriu possibilidades de operacionalizar uma política e criar a pesquisa educacional no País” (pp 58).

E continua:

Anísio Teixeira não assimilou Dewey incondicionalmente. Ao contrário dele, que acreditava em pleno êxito das reformas educativas em países pouco desenvolvidos pela ausência de tradições culturais aí arraigadas, conhecia e denunciou criticamente a força dessas tradições na sociedade brasileira. (pp 59)

Além disso, Anísio traduziu livros e artigos de seu professor que até hoje são utilizados para introduzir os educadores em uma Teoria da Educação. No período em questão, eles significaram uma tentativa de propor uma outra organização curricular para a Escola Nova nascente no Brasil e instrumentalizar os educadores para uma prática pedagógica que privilegiasse o interesse dos alunos em detrimento da autoridade exercida pelo professor, propondo a modificação da noção de esforço necessário para a apropriação dos conteúdos culturais predominantes e mesmo o processo de seleção destes últimos.

Nesse sentido, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932) defendia a educação como instrumento de reconstrução nacional; a educação pública, obrigatória e leiga; a Educação adaptada às características regionais e aos interesses dos alunos; a formação universitária de todos os professores; procurava se aproximar dos processos mais criativos e menos rígidos de aprendizagem. Havia, também, uma preocupação em não isolar a educação da vida comunitária.

Anísio Teixeira participou ativamente da elaboração desse Manifesto, chegando até a ser perseguido e chamado de comunista pelos católicos. Após esse fato, afasta-se da vida pública, publica algumas obras e retorna a essa vida

pública em 1946, quando é convidado por Julien Sorell Huxley, primeiro-secretário executivo da UNESCO, para assumir o cargo de Conselheiro de Ensino Superior, o que aceitou apenas por um período de experiência, pois preferiu aceitar o convite do Governador da Bahia para ocupar a Secretaria de Educação e Saúde desse Estado, onde ficou até o início da década de 50.

Nesta época, Anísio Teixeira criou o Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro, denominado de Escola-Parque, no Bairro da Liberdade. Inaugurado em 1950, procurava fornecer à criança uma educação integral, cuidando de sua alimentação, higiene, socialização e preparação para o trabalho e cidadania.

Aquela instituição educacional foi a concretização de tudo aquilo que Anísio defendia para a escola brasileira, que na década de 1920 sofreu grandes transformações, com as quais o autor não concordava pois, segundo ele, ganharíamos na quantidade, mas perderíamos na qualidade. Ele acreditava que uma escola que funcionasse em tempo integral e com educação voltada para a formação completa, com atividades diversificadas e um mínimo de infraestrutura garantiria aos alunos uma educação de qualidade, e não aquela, 'democratizada' nas décadas de 1920 e 1930.

É nesse centro que encontramos a concepção de educação e de tempo integral do autor; na forma como foi idealizado; nas atividades que possuía; como os alunos eram organizados para tal, a sua filosofia, bastante influenciada pelo que era desenvolvido no EUA, já que Anísio viveu um bom período por lá, e pode observar e participar da experiência americana. É no Centro Popular que Anísio mostra que é possível dar uma educação de qualidade para aqueles que mais precisam dela: as classes desprivilegiadas do país.

E são exatamente as obras escritas no período de construção deste Centro Carneiro Ribeiro que iremos analisar, na medida em que consideramos que, nelas, podemos encontrar suas reflexões acerca daquela escola de educação integral em tempo integral.

3. UMA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E DE TEMPO INTEGRAL

Após a contextualização histórica, que nos fez entender um pouco do caminho percorrido por Anísio Teixeira e as transformações pelas quais nosso país passou, o que certamente influenciou nossa vida social e, conseqüentemente, a educação brasileira, passamos para o trabalho de análise do conteúdo das obras citadas. Conforme já destacamos, na Introdução deste ensaio, foram três as obras em que encontramos evidências da defesa de Anísio Teixeira em relação à Educação Integral e ao Tempo Integral.

É necessário destacar que as expressões Educação Integral e Tempo Integral serão chaves para nossas reflexões futuras, visto que o objetivo deste estudo é identificar nas obras do autor sua concepção a cerca destas categorias. Elas serviram de base para nossa análise, devido ao fato de englobarem diversas outras expressões encontradas nos primeiros levantamentos realizados, como veremos mais à frente.

A primeira obra analisada é Centro Educacional Carneiro Ribeiro (1959). Este artigo é, na verdade, o discurso pronunciado por Anísio na inauguração de Centro Popular Carneiro Ribeiro, em 1950, na Bahia. Nesta obra encontramos as seguintes expressões:

Expressões	Incidência
<i>“funcionamento integral”</i>	1

<i>“dia letivo completo”</i>	<i>1</i>
<i>“metade do dia”</i>	<i>1</i>
<i>“escola de tempo integral”</i>	<i>1</i>

Neste discurso, ao destacar que o Estado deveria proporcionar uma escola com funcionamento integral, com um dia letivo completo, ou seja, uma escola em tempo integral, Anísio estava querendo mostrar que, ao reduzir o tempo do aluno na escola, como vinha acontecendo, em metade do dia, ou às vezes, até em 1/3 de dia, o prejuízo na formação de nossos alunos era inevitável.

Foi pensando numa proposta diferenciada do que vinha acontecendo, que o autor idealiza e inicia a construção do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, como vimos. E mais. Ainda, neste discurso, encontramos a descrição do funcionamento do Centro idealizado, como podemos verificar no seguinte exemplo (1959):

A escola primária seria dividida em dois setores, o da instrução, propriamente dita, ou seja da antiga escola de letras, e o da educação, propriamente dita, ou seja da escola ativa. No setor instrução, manter-se-ia o trabalho convencional da classe, o ensino de leitura, escrita e aritmética e mais ciências físicas e sociais, e no setor educação – as atividades socializantes, a educação artística, o trabalho manual e as artes industriais e a educação física. (pp. 82)

Este centro seria dividido, assim, em pavilhões, com capacidade máxima para 4000 alunos. Estes pavilhões teriam, no entanto, atribuições educativas específicas, ou seja,

(...) escolas-classe, isto é, escolas de ensino de letras e ciências, (...) escola-parque, onde se distribuiriam as outras funções do centro, isto é, as atividades sociais e artísticas, as atividades de trabalho e as atividades de educação física. (pp. 83)

A escola-classe é uma escola parcial, feita para funcionar em turnos, e integrar se a escola-parque.

A criança fará um turno na escola-classe e um segundo turno na escola-parque. Nesta escola, além de locais para suas funções específicas, temos mais a biblioteca infantil, dormitórios para 200 das 4000 crianças atendidas pelo Centro e os serviços gerais e de alimentação. (...). Além da reforma da escola, temos o acréscimo desse serviço de assistência, que se impõe, dadas as condições sociais. A criança, pois, terá um regime de semi-internato, recebendo educação e assistência alimentar. Cinco por cento dentre elas receberão mais o internato. Serão crianças chamadas propriamente de abandonadas, sem pai nem mãe, que passarão a ser não as hóspedes infelizes de tristes orfanatos, mas as residentes da escola-parque, às quais competirá a honra de hospedar as suas colegas, bem como a alegria de frequentar, com elas, as escolas-classe. (pp. 83)

O autor deixa claro quais eram suas intenções ao criar o Centro. Não bastava dar acesso à escola aos alunos. Era preciso mais do que isso. Era preciso formar para o trabalho e para a sociedade. Era preciso dar as mínimas condições de alimentação e saúde, acesso a esporte, cultura e lazer. Essa sim, era a escola que Anísio idealizava. E para tanto, era preciso que funcionasse em tempo integral.

A segunda obra é o livro Educação não é privilégio, escrito em 1953. Aqui também encontramos referências às categorias analisadas, como podemos ver no quadro abaixo:

Expressões	Incidência
<i>“curtos períodos letivos”</i>	1
<i>“escola de tempo parcial”</i>	1
<i>“escola primária integral”</i>	1
<i>“dia integral”</i>	1
<i>“dias letivos completos”</i>	1
<i>“dia letivo integral”</i>	1
<i>“dia completo”</i>	1
<i>“horários amplos”</i>	1
<i>“meio dia escolar”</i>	1
<i>“redução das séries”</i>	1
<i>“redução do horário”</i>	4
<i>“tempo integral”</i>	3

Neste texto, o autor revela o quanto estava insatisfeito com o que foi feito nas décadas de 1920 e 1930, quando democratizaram o ensino, reduzindo assim o tempo do aluno na escola, e o quanto lutava pela educação de qualidade em que acreditava (1953):

(...) escola moderna, prática e eficiente, com um programa de atividades e não de “matérias”, iniciadora nas artes do trabalho e do pensamento reflexivo, ensinando o aluno a viver inteligentemente e a participar responsabilmente da sua sociedade. (pp. 41)

E mais à frente, quando faz suas críticas ao que estava vivenciando:

(...) a escola se divide em turnos, oferecendo ao aluno meio dia escolar, e, em muitos casos, um terço de dia escolar, com a conseqüente redução do programa. (pp. 61)

E continua:

(...) não podemos ser uma escola de tempo parcial, nem uma escola somente de letras, nem uma escola de iniciação intelectual, mas uma escola sobretudo prática, de iniciação ao trabalho, de formação de hábitos de pensar, hábitos de fazer, hábitos de trabalhar e hábitos de conviver e participar em uma sociedade democrática, cujo soberano é o próprio cidadão. (pp. 63)

E complementa:

Não se pode conseguir essa formação em uma escola por sessões, com os curtos períodos letivos que hoje tem a escola brasileira. Precisamos restituir-lhe o dia integral, enriquecer-lhe o programa com atividades práticas, dar-lhe amplas oportunidades de formação de hábitos de vida real, organizando a escola como miniatura da comunidade, com toda a gama de suas atividades de trabalho, estudo, de recreação e de arte. (pp. 64)

Para Anísio, a questão da redução do tempo do aluno na escola afetava diretamente a qualidade e o não acesso ao ensino, cultura e lazer. Era mais do

que preciso que se voltasse a ter horários mais amplos para que as escolas se integrassem às comunidades.

Mais à frente o autor conclui que:

A escola primária, visando, acima de tudo, a formação de hábitos de trabalho, de convivência social, de reflexão intelectual, de gostos e de consciência, não pode limitar as suas atividades a menos que o dia completo. Devem e precisam ser de tempo integral para os alunos e servidas por professores de tempo integral. (pp. 108)

A terceira obra analisada foi A Educação e a Crise Brasileira. Este livro, escrito em 1956, reúne diversos trabalhos sobre o debate educacional brasileiro e a reconstrução nacional brasileira, iniciada depois de 1930.

Nesta obra, também, encontramos referências às seguintes expressões, a serem analisadas:

Expressões	Incidência
<i>“Redução dos horários”</i>	1
<i>“Reduzindo o período escolar”</i>	2
<i>“Tempo Integral”</i>	1
<i>“Reduzir a escola a turnos”</i>	1
<i>“Prolongar o período escolar”</i>	1
<i>“Estender-lhe os períodos letivos”</i>	1
<i>“Reduzir o período do ensino primário”</i>	1
<i>“Redução do período escolar”</i>	1
<i>“Redução no tempo e no programa”</i>	1
<i>“Tempo Parcial”</i>	1
<i>“Meio ou terço de tempo”</i>	1
<i>“Multiplicando os turnos”</i>	1
<i>“Educação Integral”</i>	1

Novamente Anísio volta a criticar o que foi feito nas décadas anteriores e propõe uma educação integral e em tempo integral (1956):

A escola, assim, visa tão somente, inculcar alguns conhecimentos teóricos ou noções simploriamente práticas. Não forma hábitos, não disciplina relações, não

edifica atitudes, não ensina técnicas e habilidades, não molda o caráter, não estimula ideais ou aspirações, não educa pra conviver ou pra trabalhar, não transmite sequer sumárias, mas, esclarecidas noções sobre as nossas instituições políticas e a prática da cidadania. (...) (pp. 27)

E mais à frente, volta a destacar o que considera mais importante para a educação do país:

Do ponto de vista social, mais amplo ou mais elevado, temos que dar à escola a função de formar hábitos e atitudes indispensáveis ao cidadão de uma democracia e, portanto, estender-lhe os períodos letivos, para se tornarem possíveis em escoreito e saudável ambiente escolar, as influências formadoras adequadas. (pp. 32)

Assim, as expressões destacadas, como: “funcionamento integral”; “dia letivo completo”, “dia integral”, “horários amplos”, mostram o quanto essa idéia de dar aos alunos uma formação escolar em tempo integral estava presente em seus discursos. Nos três textos analisados, constatamos a existência dessas expressões, conforme exemplos abaixo:

(...) dar, de novo, à escola primária, o seu dia letivo completo.(1959, pp. 79).

Isto porque, com a democratização do ensino nas décadas de 20 e 30, as escolas haviam aumentado seus turnos escolares, para dar acesso a mais alunos, e por conseqüência, diminuiu, assim, o tempo desses alunos estudando. Então o autor mostra-se a favor de uma escola onde os alunos estão por mais *tempo* (no sentido de extensão horária) presente no espaço destinado a sua educação, para que assim tenha uma formação de qualidade e integral, como coloca Anísio (1999):

Precisamos restituir-lhe o dia integral, enriquecer-lhe o programa com atividades práticas, dar-lhe amplas oportunidades de formação de hábitos de vida real,

organizando a escola como miniatura da comunidade, com toda a gama de suas atividades de trabalho, de estudo, de recreação e de arte. (pp 64)

A questão da redução do tempo era algo muito preocupante para Anísio. Diversas vezes ele cita que não era possível se reduzir o tempo dos alunos na escola. Para ele, de nada adiantava aumentar o número de alunos dentro da escola visto que estaríamos perdendo na qualidade, pois uma escola para uma formação adequada deveria proporcionar ao aluno um dia completo de ensino, como podemos ver neste trecho:

Somos chamados de pessimistas, convocando-nos os nossos Pangloss a ver que o Brasil progride por todos os poros e que o congestionamento, a confusão, a **redução dos horários** e a falta de aproveitamento nas escolas são outras tantas demonstrações desse progresso. (pp. 85)

E mais à frente, volta a ressaltar:

E o que vimos fazendo é, em grande parte, a expansão do corpo de participantes, com o congestionamento da matrícula, **a redução de horário**, a improvisação de escolas de toda ordem, sem as mínimas condições necessárias de funcionamento. (pp. 85)

Já em relação à **educação integral**, Anísio coloca que é preciso dar aos alunos um programa completo das matérias do núcleo comum, mais oficinas, desenho, música, dança, teatro e educação física. Além disso, a escola deveria dar saúde e alimentação à criança. Esta escola deveria ser voltada para a formação integral dos alunos, dando-lhes a oportunidade de se desenvolverem diversas habilidades nas mais variadas atividades de estudo, de trabalho, de vida social e de recreação e jogos. Ou seja, oferecer a criança oportunidades completas de vida.

A escola de educação integral, para Anísio, deveria ser um retrato da vida em sociedade, com suas atividades diversificadas. Trata-se de uma escola que

não somente reproduz a comunidade humana, mas ergue-a a nível superior ao existente naquela época e que se configura até hoje.

Assim, o autor (1999) coloca:

As democracias, (...), sendo regimes de igualdade social e povos unificados (...) não pode prescindir de uma sólida educação comum, a ser dada na escola primária, de currículo completo e dia letivo integral, destinada a preparar o cidadão nacional e o trabalhador ainda não qualificado, e, além disto, estabelecer a base igualitária de oportunidades, de onde irão partir todos, sem limitações hereditárias ou quaisquer outras (...). (pp. 107)

Anísio (1959) também afirma que a escola de educação integral deve:

(...) dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita, e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare, realmente, a criança para a sua civilização – esta civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive. (pp. 79)

Ou seja, o aluno estaria sendo preparado para a vida e para o trabalho, de acordo com suas aptidões, sem que lhe faltasse o mínimo de estrutura necessária para que conseguisse participar ativamente das atividades, no caso, saúde e alimentação.

Em outro trecho o autor (1999) coloca:

(...) não podemos ser uma escola de tempo parcial, nem uma escola somente de letras, nem uma escola de iniciação intelectual, mas um escola sobretudo prática, de iniciação ao trabalho, de formação de hábitos de pensar, hábitos de fazer,

hábitos de trabalhar e hábitos de conviver e participar em uma sociedade democrática, cujo soberano é o próprio cidadão. (pp. 63)

Para o autor, essa escola que prepara pra vida, deveria preparar de forma crítica, levando ao aluno a consciência da importância que tem na sociedade, sabendo ser democrático e sempre voltada ao trabalho e ao progresso dessa sociedade.

Na descrição do funcionamento do Centro, podemos ver que Anísio tinha uma preocupação em formar esses alunos dando-lhes a oportunidade de participar, como membro da comunidade escolar, de um conjunto rico e diversificado de experiências, em que se sentiria, o estudante na escola-classe, o trabalhador, nas oficinas de atividades industriais, o cidadão, nas atividades sociais, o esportista, no ginásio, o artista no teatro e nas demais atividades, pois todas elas podiam e deveriam ser desenvolvidas a partir da experiência das crianças, para então serem feitos os planejamentos em colaboração e depois executados pelos próprios alunos.

Essas seriam experiências educativas, pelas quais as crianças iriam adquirir hábitos de observação, desenvolver a capacidade de imaginar e ter idéias, verificar como poderiam ser executados e executar diversos projetos, ganhando, assim, habilitação para uma ação inteligente e eficiente em sua vida atual, a projetar-se para o futuro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa, procurávamos encontrar evidências nas obras do autor Anísio Teixeira em relação à educação integral e ao tempo integral, pois já era do nosso conhecimento a defesa do autor pelo tema.

Com a análise das obras selecionadas, ficou evidente que realmente essa era sua maior defesa. Em todas as obras estudadas, foram encontrados questionamentos sobre os fatos que ocorreram durante as décadas de 1920 e 1930 e que fizeram com que Anísio lutasse por uma escola pública com mais qualidade, o que ele acreditava estar ligado à permanência dos alunos durante mais tempo nas escolas e a oportunidade de acesso a uma diversidade de atividades ligada a cultura, ao lazer e principalmente ao trabalho.

Concluimos, então, que nossos objetivos foram alcançados, não pelo simples fato de encontrarmos algumas falas em relação ao tema, mas por nos mostrar que o autor, enquanto esteve presente na vida pública, buscou dar às crianças brasileiras uma educação de qualidade, que ele acreditava que deveria ser uma educação integral, em tempo integral.

A criação do Centro Popular Carneiro Ribeiro é a prova concreta de que Anísio Teixeira se preocupava, sim, com essa questão. Idealizar e construir um centro deste porte, em 1950, era muito mais que apenas escrever defendendo uma idéia. Era por em prática tudo aquilo que fora apreendido, tudo aquilo que era dito. Era lutar por uma educação melhor, com mais qualidade, sem reduzir a quantidade de alunos dentro da escola.

Mais do que atingir os objetivos pretendidos com esta pesquisa, levo comigo a certeza de que nada é impossível quando acreditamos no que defendemos. Nós, professores brasileiros, temos que nos espelhar nesta e em muitas outras experiências que foram reprimidas e lutarmos, hoje, no nosso país, por essa educação de qualidade. Por essa mobilização em prol de melhores condições de ensino-aprendizagem, não só para nossos alunos, mas por todos aqueles que querem ter acesso ao conhecimento, em qualquer nível.

5. BIBLIOGRAFIA:

BARDIN. *Análise de Conteúdo*. Edições 70: Lisboa, 1985.

FAVERO, Maria L. A. & **BRITTO**, Jader M. *Dicionário de Educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais*. UFRJ: Rio de Janeiro, 1999.

MONARCHA, Carlos. *Anísio Teixeira: a obra de uma vida*. DP&A: Rio de Janeiro, 2001.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. DP&A: Rio de Janeiro, 2001.

PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

SCHMIDT, Mario F. *Nova História Crítica – Moderna e contemporânea. 2º grau*. Editora Nova Geração. São Paulo, 1996.

SCHMIDT, Mario F. *Nova História Crítica do Brasil – 500 anos de História mal contada. Ensino Médio*. Editora Nova Geração. São Paulo, 1997.

SMOLKA, Ana L. B. & **MENEZES**, Maria C. *Anísio Teixeira, 1900-2000. Provocações em educação*. Autores Associados: São Paulo, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon, **BOMENY**, Helena M^a B., **COSTA**, Vanda M^a R.. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. UFRJ: Rio de Janeiro, 1999.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e a crise brasileira*. UFRJ: Rio de Janeiro, 1999.

TEIXEIRA, Anísio. *Centro Educacional Carneiro Ribeiro*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, vol.31, nº 73, pp. 78-84, jan./mar., 1959.

TEIXEIRA, Anísio. *Uma experiência de Educação Primária Integral no Brasil*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, vol.38, nº 87, pp. 21-33, jul./set., 1962

TEIXEIRA, Anísio. *A Escola-Parque da Bahia*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, vol.47, nº 106, pp. 246-253, abr./jun., 1967